

# UMA CIDADE QUE POUCOS ENTENDEM

## *Ernesto Silva viveu no tempo do barro e dos pantanais, e conta histórias de JK*

MARCÉLIO FARIAS

Ele chegou para fundar a cidade. No seu tempo só havia cerrado e horizonte, barro e pantanais. O lugar onde hoje se ergue a cidade não passava de um planalto desértico no centro do país. Ernesto Silva chegou com a Comissão de Fundação de Brasília e desde essa época não saiu mais daqui. Muito tempo correu desde o dia 5 de fevereiro de 1957, data em que o primeiro Douglas pousou num arremedo de pista de aterrissagem cercado. O "Doutor Ernesto" hoje é diretor da Pediatria da Fundação Hospitalar e sua preocupação maior é a saúde da comunidade infantil.

No Hospital Regional de Brasília (mais conhecido como hospital da L2) ele pode ser encontrado numa sala modesta mas repleta de livros e papéis que ele despacha agilmente, auxiliado por quatro secretárias e uma chefe de gabinete. Lá, ao meio-dia, em plena hora do almoço (o sal do hospital tarde da noite) ele fala de Brasília.

"Doutor Ernesto" conhece a cidade a fundo. Por ter sido o seu paieteiro natural conhece todas as manhas, todos os seus mistérios. Para ele Brasília é mística e misteriosa.

As pessoas não entendem Brasília. São muito poucos os que entenderam os roteiros reais da cidade. O mal aqui é que as pessoas confundiram o projeto, o que aliás aconteceu desde o início. As pessoas não entenderam que Brasília é uma cidade com três regiões, três marcas, três setores distintos e que devem ser vividos distintamente.

O pioneiro da cidade fala que o plano foi "confundido" desde o início. Como assim? A voz mágica do "médico da cidade" se agita um pouco e ele gestucula, enfatizando:

Desde o início, desde que os senhores Jânio e Javert resolveram misturar política e administração, conchavo com dinheiro. Desde o princípio esses senhores confundiram e escushambararam tudo. Ambos terminaram criando atmosferas in-



ERNESTO SILVA

frante de todas as outras capitais do mundo ocidental.

Entusiasmado, Ernesto Silva aponta as quadras, a grama e o traçado das SQs:

— Para que se repare um pouco o que foi feito desde o início é preciso, é necessário que as pessoas vivam o seu setor de lato que é o setor residencial. Não o setor administrativo, não o setor de diversões, mas o setor onde vivem. Aqui é a cidade da vizinhança, a cidade da intimidade. E quem na verdade vive esse lado intimista? Ninguém!

No plano original, Lúcio Costa reteve-se a intimidade, o convívio acolchante, a "proximidade da voz". O texto refere-se explicitamente a Veneza, às vias de Veneza como modelos de convivência. Esse ideal, deturpado, é causa de muitos problemas que se resolverem hoje.

Então, os governadores de muitos estados (tanto do Norte como do Sul) estimulavam a migração e praticamente expulsavam os operários da terra para não terem que desenvolver programas de fixação. Agora ocorre coisa parecida, pois a migração não parou e o que se vê é Brasília cheia de retirantes, solredores, miseráveis, verdadeiros estranhos no ninho.

Tudo isso, contudo, não desliza a principal marca da cidade: ser tranqüila, calma, favorável ao trabalho.

— Talvez isto atraia as pessoas porque nisso ela é única. Eu tenho a satisfação de ter fundado esta cidade, tenho compromissos assumidos com ela, com o que ela representa e representa para o país. E a partir desses compromissos é que tenho vindo a trabalhar.

deral. Mas eu pergunto se isso ocorreu? Não.

Outra mágoa de Ernesto Silva: a incompreensão das muitas autoridades da cidade, religiosas e civis, para o ecumenismo previsto por Lúcio Costa.

— Nós imaginávamos um templo que fosse católico pela manhã, batista à tarde, umbandista à noite, algo assim, mas não encontramos eco. Ninguém entendeu nada. Tenho até hoje a mesma sensação que senti quando o marechal Lott encasou naquele uma tarde, no meio do Esso Monumental (que era uma larga pista) e perguntou: "Presidente, o senhor vai mesmo construir essa coisa?" — e apontou para o horizonte onde começava a surgir a todovária.

Nesse momento o médico da cidade assume um ar pensativo. Sorri e cita dois escritores do início do século: Oscar Wilde, o poeta inglês, e Georges Santayana, o existencialista espanhol.

— Temos que citar Wilde e Santayana. O primeiro dizia que sonhar é aquele que vê a aurora antes dos outros. O segundo dizia que sabia é aquele que segue o coração, o instinto. Sabemos muito bem que o homem descobriu um mundo totalmente novo sem mapa. E assim deveria ser o espírito das pessoas que buscam o novo na cidade. Mas as pessoas ainda não têm esse espírito. Têm por vezes o mesmo rancor lacerdiano dos anos 60.

Ernesto Silva lembra, então, as sucessivas CPDs pedidas por Carlos Lacerda, nos anos 60, para impedir a construção da cidade. Lembra o tempo em que a UDN em peso estava contra a comissão. Lembra o rufano desabato de Juscelino, certa noite, entre Lúcio Costa, Niemeyer e ele, Ernesto: "Sabe como vou vencer essa turma", explodiu o presidente, "com trabalho Ernesto, com muito trabalho".

— Eu lembro da outra resposta do presidente, quando insistiram

# Mesa de pista



Saca só a plástica da Nadir Patinha, é ou não é um banquete para mais de dois mil talheres. Aliás como diz o Babalufé da noite, meu compadre Arizão, a Nadir é muito caminho pra o meu monte areia. Nadir é dessas meninas nascidas aqui na terra de Vera Cruz, que faz gringo babar na gravata. Saravá gente fina.

## Músicos vão homenagear o sax Chico Doido

Chico Doido é considerado pelos músicos e entendidos em música da cidade como um dos melhores, senão o melhor saxofonista de Brasília. Versátil, inquieto, criativo e um dominador do seu instrumento como poucos, Chico Doido consegue encantar a todos que têm o privilégio de ouvi-lo, de uma maneira quase mágica, pois ao tocar o seu sax-alto ou barítono, o público fica extasiado, com a execução magistral desse músico fora de série.

Noite não se prende a ritmos, não se constrói o melhor e as suas interpretações tanto na cidade como em shows nos clubes da cidade, são em verdade qualquer coisa de antológica.

— Ao executar clássicos americanos no sax-barítono, Chico se lembra o Boverl. Pinta-

## Nas asas do Moinho, Luis de Edson Luis

Rodei pela noite procurando o Edson Luiz, para mim o melhor cantor da noite de Brasília. Lui encontrará-lo no Moinho, casa localizada na 114 Sul. Para quem passa pelo rixó o "Moinho" pode ser descoberto com facilidade, pois as suas pás estão sempre girando e são muito grandes o suficiente para serem vistas à distância.

Ambiente lito e requintado, com música ao vivo, o Moinho é hoje uma das melhores casas noturnas da cidade. Um lugar pronto para receber gente de bom gosto e que curte de coisas boas e bem transadas. O adepto do aisque e do bom vinho pode pitar sem susto, e para quem

da cidade. Interferiam, demitiram, e praticamente arruinaram tudo. Para eles era muito mais importante fazer a tal política do que a capital do país.

Com um misto de zanga e simpatia, o médico-historiador fala das mudanças apressadas feitas a última hora por jangum quadras, cartões e mesmo no desenho de certas obras. Dá o exemplo dos setores comerciais (Norte e Sul), modificados para agrandar um ou dois empreiteiros. Um plano que se desligou de início. Mas como seria a vida original desse plano? Como se restituir a vida original da cidade?

— Não se pode também culpar as pessoas se os próprios administradores não entendem a cidade. Já falei dos três setores. As pessoas não podem esperar viver um setor administrativo como a Esplanada dos Ministérios, por exemplo, da mesma forma que viveriam um setor comercial ou um setor de diversões. Cada coisa no seu lugar e aqui esse ditado parece ser a norma diretora, o que colocou Brasília sempre na

mal-obra sobre prolas ou pelo menos sobre aquilo que na opinião do grande impasse: a superpopulação.

— Os administradores deixaram que a cidade explodisse. Esse é o grande, e na verdade o único problema de Brasília. Foi coisa que explicitamos bastante na Comissão de Fomento: a cidade não deveria ter mais de 1 milhão de habitantes. Hoje temos mais do que isso, temos 1 milhão e quinhentos mil. Se você comparar esse dado com os índices de Frankfurt com 1 milhão e duzentos mil ou Bonn, capital federal, com 400 mil, a diferença é gritante e os erros sucessivos dos administradores da cidade saltam à vista.

— Na esteira desse inchaço o médico aponta a migração cada vez maior. Migração ao seu ver, "criminal", e sem sentido.

— A cidade incha por não haver controle, por seu lado, vem da falta de programas nacionais de fixação do homem à terra. Na época da construção da cidade, um lembro

Brasília é uma cidade por si só: nacional, nacionalista.

Ernesto Silva tem uma mágoa: as constantes pressões dos que não querem que a cidade se afirmasse. Ainda existem os que não contra o que ainda vêem na cidade apenas um amontoado de mármore e acrílico. "Doutor Ernesto" irrita-se profundamente com isso.

— As pessoas reclamam porque elas próprias trazem espumas e estanhos para a cidade. As coisas precisam deixar de ser repetidas em Brasília. Isso aqui não é Rio nem São Paulo. É uma única, talvez a última capital deste século, a única cidade construída para ser uma capital. Nós partimos do zero e chegamos a isso como somos hoje. O problema é que planejamos Brasília para ser uma cidade revolucionária, como já disse. Para-se ter uma ideia de como nossos planos eram humanitários, não se deveria pagar um só centavo de imposto aqui em Brasília. O sistema de taxaço foi planejado de tal forma que não haveria necessidade de impostos no Distrito Fe-

do. Ernesto Silva tem uma mágoa: as constantes pressões dos que não querem que a cidade se afirmasse. Ainda existem os que não contra o que ainda vêem na cidade apenas um amontoado de mármore e acrílico. "Doutor Ernesto" irrita-se profundamente com isso.

— Hoje, Brasília já é adulta. Já "voltou ao normal" como o velho médico a sua dizer. A informalidade antiga, a ânsia de terminar logo, o entusiasmo, deram lugar à vida cotidiana e sem muitas alterações. Ernesto Silva prefere a época antiga, o tempo "anormal", mas de mesmo dia.

— Quando eu lembro que construímos isso aqui em dois anos e alguns meses eis sinto saudades desse entusiasmo. Sinto mesmo. Um tempo onde não havia lugar para quem não tivesse lugar. Ou a pessoa se entusiasmava ou ia embora. As coisas eram feitas rapidamente. Penso que uma cidade que foi pensada e construída para ser um centro urbano moderno seja apenas uma cidade nova.

rio-americano Chico não transporta para novas interpretações. Longe Ginyx. Com um jeito muito seu, com estilo próprio e sua inventividade e criatividade o Chico quando toca música não consegue fazer uma mistura de Cipó, Moacir Silva e Luiz Americano.

Nesta quarta-feira um grupo de músicos que toca chorinho, vai prestar ao Chico Doido uma homenagem no Bar Piató, ali no 2º Sul. Vai ser um encontro digno de ser gravado e guardado para a eternidade. Nesta noite estarão Wilson-cavquinho, Pedro-viloso, Roberto Viluati-laura, Alencar-viloso de sete cordas, Walcy-pandeiro e Paulista no cavquinho.

**RESTAURANTE DO IATE** — Neste restaurante arrojado e agradável ao serviço à carte, você pode saborear bons pratos e curtir um maravilhoso panorama do Lago Paranoá. Quando aparecer neste restaurante procurem Naves, ele cuidará de todos os detalhes para que você seja bem servido. Enseada Norte, sede social do Iate Clube de Brasília.

**RICK'S BAR** — 204 Norte. Neste barzinho se reúne todo o time do Proalcoô Futebol Clube, ou os campees do time de Cervejinha bem gelada, carne de sol, filé à paulista e brango à passarinho transados na hora, segundo a moçada até altas horas da madrugada.

**PORTAS ABERTAS** — Mais um bar que surge na Asa Norte com uma alegria da galera da noite. Este bar que promete servir o melhor carne de sol do pedaço e vem com tudo para conquistar uma boa fatia do mercado. As portas vão abrir suas portas na 109 Norte.

**DON GENARO** — O nome já diz tudo, cozinha italiana da melhor qualidade. Para quem não está neste de regime, é só pitar, pois as massas do Don Genaro são de primeira qualidade. Anota aí o en-

uma cozinha muito límpida e bem cuidada dá do cliente a certeza de pratos bem cuidados e saborosos. Aliás é bom que indique aqui para os nossos leitores a pizza da casa, macia e deliciosa.

Nas tardes de domingo o Moinho tem uma bem transada sorveteria, que faz a alegria da criançada.

Cupertino e Ana Márcia, donos da casa, têm uma simpatia e atenção a todos com fidelidade. Uma boa pedida para qualquer dia da semana.

**SERENO** — Neste endereço: 205 Norte no Centro Comercial Local.

**TABOCA** — Todos os sábados uma gelada leipoada e durante a semana muitos salgadinhos e o chupe geladinho. O Taboca está bem pertinho de tudo, fica no princípio da Asa Norte, na 102.

**SIVACO DE COBRA** — Este é o ponto de encontro da moçada que estuda na UnB. Batidinhas mil, muito chupe e cerveja gelada fazem a cabeça da moçada que sempre janta com uma viola debaixo do braço. O Sivaco fica na 407 Norte.

**BAR DO MOGOTO** — Aqui é o ponto de encontro da velha guarda do Gama. Quem gosta de um bom caldo de mocotó é só dar o ar e fazer, e curtir um bar maravilhoso. Localizado na quadra 9 comercial do Gama, no Setor Oeste, o Bar do Mogotó também serve uma boa carne de sol e uma bem transada peixada.

**BAR DO ESPORTISTA** — Quem conhece ou frequenta o Cine Iapó, no Gama, sabe onde fica o Bar do Esportista. Neste boteco a rapaziada que se amarra em futebol se reúne para discutir as vitórias e derrotas dos seus clubes preferidos.

**Jotacepê**

# Fundação premia projetos

A comissão julgadora anunciou os premiados em três concursos da Fundação Cultural do Distrito Federal: o Concurso de Montagem de Espetáculos Teatrais (Projeto França); III Concurso de Auxílio de Montagem de Espetáculos Infantis e IV Concurso de Dramaturgia.

No concurso de auxílio de montagem foram selecionados os seguintes projetos: "Hoje a banda não sai", de José Raymundo de Rosário

Borges; "Dona Bárbara", de Reynaldo Domingos Ferreira; "Uma Mulher Nua no Telhado", de Marco Antonio Antunes; "Fala Baixo senão eu grito", de Gustavo Luiz Pacheco; "E de como lhe foi extirpado o sorriso do ser. Mockinpott", do Grupo Farsa; José Carlos Lacerda; e "O nome Múcho", da Gandango Promoções Artísticas. O prêmio para cada trabalho é de Cr\$ 500 mil.

Os premiados do III Concurso de Montagem de Espetáculos Infantis: "O circo U de Grude", do Grupo AJIR; "O Boneco e o pequeno Aprendiz", de Gustavo Luiz Pacheco; "O menino do dedo verde", de Sheila Araújo; "Hoje tem marmelada", de Fernando Tietze; "A casa de Yantim no céu de Mandacaru", de Delson Antunes; "Os Dois palhaços", de Nielson Melo. Cada projeto receberá auxílio

de montagem no valor de até Cr\$ 400 mil.

O III Concurso de Dramaturgia Infantil, com prêmio de até Cr\$ 150 mil, selecionou os seguintes trabalhos: "O boneco e o pequeno aprendiz", de Gustavo Luiz Pacheco; "O sapo Severino", de José Ricardo Moretto e Waldir de Melo Salimato; e "O Mundo mágico de um jardim", de Geysse Helena Barbosa Pallott e Inês Maria Pinto Lyra.

# TETÊ CATALÃO Nem ôpio, nem open

Um senhor de vestes escandalosas, apresentando alguns milhões, apresentando atitudes que iam do porte magnífico ao abanico adepto até a entrada neste nasocômio em estado desesperador. O Faraó baixou INPS.

Apresentado por invólucro, imediatamente, alegou incompetência administrativa generalizada brandindo um exemplar do Código Internacional das Grandes Obras Inacabadas, com uma entrada neste nasocômio, tendo a postal. Logo após fechou-se no mais absoluto mutismo de mimia, procurou por seu sarcofago de lata (que enfejava ao relento) e fez uma cara de importância histórica.

O impacto do mau sibito fez com que todos os seus profetas, ditos Farolões, se sentissem desvirtuados e caíssem em descrédito. Nem os mais recatados corinths de Pindamonhangaba apostavam um traço na recuperação do Faraó. Alarmadas, sim, ficaram as

tetas dos testas-de-ferro. Pânico e círcenos-timo.

— "Que Juro, Faraó" exclamou um adepto até a entrada neste nasocômio um nabo natural. Na verdade, ninguém seguiu mais o tal pai, mesmo! Assistia-se a mais tripludante chaçoatado do dólar já presenciada nessas terras que um dia já teve saído na sua balança de pagamento e trocou tudo por Píalep de Frank Sinatra. Strangers in the Night. Hit-parade militar. Dançou de verde-amarelo. Vestiu uma camisa listrada e saiu por aí (até notar que as listras, além de agourem uma zebra, pertenciam ao fashion-design das penitenciárias).

E lembrou que um dia a timidez ufanasita começava com "50 anos em 2", do querido JK (para de um Sarafão não). Depois as coisas aceleraram-se de tal forma que passou 5 minutos para saltar um juro acumulado em 5 anos onde afundaramos mais 5000 anos com 500 de carência para novo emprés-

tim. Até as tribos do Brasil trocam o ôpio pelo open. As religões já não conseguem mais imbecilar o povo com pregações moralistas de ameaças ao inferno. Ninguém teme ir para a sucursal quando se sabe sofrer na matriz.

— "Contrabandos, não argumento". As nossas custas, às nossas costas, lá se vão nossos ossos. Uma grande ponte-aérea perguntando: "Acertaste no Bulhões? Já viste o Gungo Guadin"? Trabalhas? O Camps"? Além de apagar a luz, o último a sair, para a descarga.

— "Um mar de lamê! Aliechou o país, hehmm? Que Maravilha! O melhor cozinha afródicasita está no "O FORNOGRIFO". Queletras de São Gampops, gorpops, um a calvar bobando na minha sopa... O resto vale! (Na Seresta: "Líbrios que'a bejeit...")

— "Que coisa mais cóptica. São pequenos trechos registrados ao acaso quando da última recepção oferecida por um fracsado

Plêbio local. Em tempos de vasa magras só pode dar mesmo é táboli. O Faraó impassível em seu mutismo de mimia nem desconfia da crise moral abatida sobre suas orgiasas pretensões de potência. Enquanto brasileiros fazem uma Feira de Mulheres Executivas, as mineiras e iguacunas fazem missa sob lenne pelas mulheres executadas. Mas é isso mesmo. Fizesse contrastes quando não clareiam, cegam pelo claro. Sucesso para a menina Veneno. Não a do Ritchie (ex-guita do Vimalina/Rio). Mas a recuperação espantosa, num posto de saúde periférico, da menina que ingeriu dois tomatos "enriquecidos" e ficou alguns minutos dos mais inquietados. Dos bledos só ficarem com o Hélio. Montoro que ô diga.

Intelectual quer mais é um RollsJoyce. Redatores cooptados retiram títulos do Protesto. Títica de tico-tico no tititi do Hatiti. Há um rasgo de brilhantismo borbulhando nas arelas litrônicas. A lua-de-mel no Gama

de Roberto Carlos. Plêbio vem de plebe e pé-de-boi. Os chics sem fundo, também. Ricos não correm riscos. Inflação em 1959 a 40%. Galbrathin começou a alertar contra a centralização nos anos 50. Schumacher soprou que "o negócio é ser pequeno". No Natal cantávamos por Jingle Bellelé. Afogar o ganso natológico.

Hippies com herpes. Serra o Conic, o primeiro conjunto aritmético punk, do Brasil? "Já doel meu rim. Até di mim, Ai di mim. O que quisos. Mas quisos mais. Deflino", inebriava-se um ôbio ao pilão laur. O Faraó delira. Saú do mutismo e passou-me esta desconexão que transcevi até agora. As vezes ficamos um pouco deprimido e acício com tanta paulada. Sei que a hora não é do vacilo nem dessas discussões. Mas não poderia mentir. Tinha que apresentar um trechinho do Faraó e sua resaca faronáica. Confesso que estou um pouco abalado com a carga desagregadora do moribundo modelo esta-